

Bancos europeus encurtam prazos e pressionam Brasil

Silvio Ferraz
Correspondente

PARIS — Fontes de bancos franceses confirmaram ontem que seus estabelecimentos estão tornando a vida dos banqueiros brasileiros mais difícil, encurtando os prazos das linhas de financiamento interbancário e para exportações. Este movimento está orquestrado pelos banqueiros americanos, com europeus e asiáticos no coro, com o objetivo de forçar o governo brasileiro a pagar alguma parcela dos US\$ 8,5 bilhões em juros atrasados.

Depois de ver frustrados todos os esforços para que o FMI não assinasse um acordo com o governo brasileiro enquanto não houvesse o pagamento, ainda que simbólico, de uma parcela dos juros atrasados, os banqueiros internacionais voltam-se para um recurso que, apesar de conhecido há quase uma década das autoridades brasileiras, ainda consegue ser eficaz para atrapalhar a vida dos banqueiros e do Banco Central.

Isso porque, ao reduzir os prazos das linhas de curto prazo, os banqueiros estão colocando em posição vulnerável as agências dos bancos brasileiros no exterior e, mais particularmente, o próprio Banco do Brasil. Há poucos dias, o Paribas negou um visa para uma operação da agência do BB de Londres com um banco asiático. Foi necessária a intermediação do banco brasileiro junto à direção do Paribas para que o visa fosse concedido. O visa é uma

espécie de atestado de que determinado banco opera normalmente com outro, e serve como atestado de bons antecedentes.

Pressão — A posição dos credores é clara: querem o pagamento de qualquer parcela dos juros atrasados — o que o governo brasileiro não faz há cerca de 15 meses. Isso porque o desembolso, por menor que seja, mostra aos acionistas que, apesar das dificuldades, o cliente a quem o seu dinheiro foi emprestado está fazendo força para pagar. Evita também, nos balanços, a incômoda situação de estar provisionando recursos para cobrir eventuais empréstimos não honrados.

À medida em que um banco provisiona recursos para este tipo de cobertura, se, por um lado, dá uma demonstração de previdência, de outro, transmite ao investidor a sensação de que talvez aquele empréstimo não devesse ter sido feito. Como consequência, cai o interesse por suas ações nas bolsas de valores. Para caracterizar a situação dos bancos franceses, em particular, basta citar o resultado do Société Générale: seu lucro despencou 18,8% e ficou estacionado em US\$ 296,8 milhões. O banco informou que um dos fatores que contribuiu para isso foi o provisionamento para cobrir maus empréstimos da ordem de US\$ 630 milhões.